

A AUTORA

**Márcia Perencin Tondato**

Professora da Faculdade de Ciências da Comunicação e Cultura da Universidade Metodista de São Paulo e do curso de Publicidade na Universidade ABC.

## APONTAMENTOS SOBRE A CRÍTICA DE TV<sup>1</sup>

Crítico tem o papel de interpretar e contextualizar o produto de TV, colaborando com a recepção do público

**A**o longo da história da humanidade, em virtude de desastres naturais, de perseguições político-religiosas<sup>2</sup> ou mesmo de procedimentos de proteção, obras de arte sofreram, algumas vezes, modificações e até ocultamento. Trabalhos de restauração efetuados por profissionais capacitados, empregando moderna tecnologia, revelam, sob camadas de tinta, vernizes e pó, obras inéditas. Assim vejo a atividade do crítico. Através do conhecimento especializado, inserido no momento cultural, ao crítico cabe mostrar

*o que há por baixo da obra, fazendo uma ponte entre o espectador e o produto, num processo de mediação entre criação e recepção e entre gêneros.*

A crítica é um fenômeno histórico nascido em meados do século passado, fruto da evolução da consciência do artista como profissional de arte e da consciência do público de arte. No Renascimento não existia crítica porque existia a norma, da qual o artista não podia fugir. A quebra dos padrões da arte e o desejo da burguesia, sem tempo ou conhecimento para elaborar o que via, fizeram surgir o

1. Este trabalho é resultado da Oficina Crítica de Televisão, coordenada pela Profa. Dra. Maria Aparecida Baccega, realizada no projeto Rumos do Itaú Cultural, na modalidade Literatura e Crítica, no período de 20 a 23 de julho de 1999.

2. No processo de restauração foram descobertos afrescos inéditos nas catacumbas romanas que haviam sido cobertos na época das perseguições aos cristãos.

crítico, a quem cabe “decifrar o momento da criação”<sup>3</sup>.

O início da crítica é caracterizado como um momento de mudança social. A ascensão da burguesia amplia o público da obra de arte, antes limitado à corte. Neste momento também ocorrem mudanças para os artistas, que se libertaram dos cânones de um modelo de arte e passaram a criar mais livremente, tornando o processo de fruição mais complexo para aquele público recém chegado a este universo. É um momento de segmentação, que exige alguém – o crítico – para interpretar a emoção do artista, expressa no objeto estético segundo a parcialidade de seu olhar, reconstruindo a obra de forma a alcançar a “sensibilidade adormecida do público”<sup>4</sup>.

Esse crítico vai interpretar as obras usando seu subjetivismo, que será tanto mais efetivo quanto mais carregado de conhecimento. A subjetividade do indivíduo, entretanto, é plural na medida em que prevê a “reelaboração dos vários discursos da sociedade onde (ele) está inserido como indivíduo e a produção de outro discurso como sujeito desta sociedade”<sup>5</sup>. Neste sentido, a crítica deve ser usada para construir um significado. Ao mesmo tempo que evoca sensações na sensibilidade do público, resgata a validade universal, o sentido conceitual do objeto de arte como referencial.

A crítica, considerada por alguns como “uma atividade parasita”, conforme Leenhardt<sup>6</sup>, no sentido de vir depois de outra e desta tirar sua força, é resultado também de uma expectativa conjunta, reformulada pelo crítico que a expressa. Segundo DeFleur, “a despeito das espantosas realizações na área das imagens em movimento e da transmissão instantânea, as comunicações de massa permaneceram total e fundamentalmente dependentes da utilização da linguagem (verbal escrita) – a primeira das grandes realizações que foi real e unicamente humana. As maneiras pelas quais as pessoas compartilham ou deixam de compartilhar significados por intermédio do uso da linguagem são decisivas para se compreender como a comunicação ocorre, bem como suas conseqüências para a audiência”<sup>7</sup>. Sendo assim, o crítico está em vantagem na mediação artista/público uma vez que ele se utiliza dessa estrutura de comunicação universal, a linguagem verbal escrita. Ao crítico cabe transformar em palavras o que está representado em imagens, sons, objetos. Para tanto deve ter conhecimento e capacidade para interpretar cores, movimentos, efeitos plásticos.

## CONTEXTO DA CRÍTICA DE TV

Criticar significa inserir a obra em um contexto histórico-sociocultural. Assim como para o historiador o distanciamento

3. BORNHAUSEN, Gerd. *O nascimento e o sentido da crítica* – sua situação hoje. Conferência no Instituto Cultural Itaú. Projeto Rumos, Literatura e Crítica, O estado da crítica. São Paulo, 14/05/1999.

4. LEENHARDT, Jacques. *Crítica de arte e cultura no mundo contemporâneo*. Revista Cult. São Paulo: julho/99, p.11.

5. BACCEGA, M. A. *O campo da Comunicação*. In: CORRÊA, Tupã Gomes (org.). *Comunicação para o mercado: instituições, mercado, publicidade*. São Paulo: EDICON. 1995, p.52.

6. LEENHARDT, Jacques. *Crítica...op.cit.* p.10.

7. DEFLEUR, Melvin L. e BALL-ROKEACH, Sandra. *Teorias da comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. p. 249.

temporal facilita o trabalho, ao crítico de arte este distanciamento também é desejável. Quanto mais longe estiver o momento da obra do momento da crítica, mais fácil será o trabalho do crítico, pois ele pode analisar a obra já inserida neste contexto histórico-sociocultural, posicionamento dificultado na análise de obras contemporâneas.

Nesse sentido, o trabalho do crítico exigirá mais elaboração intelectual e cultural quanto maior a proximidade temporal da obra. Então, pensemos na crítica de TV que, embora acontecendo *a posteriori*, sobre isso falarei adiante, é um trabalho sobre obra drasticamente atual, sofrendo, em função das características da mensagem televisiva, modificação no sentido ao se afastar do momento da produção/emissão.

---

A crítica de televisão não lida apenas com a estética. Ela não tem por objeto uma arte, mas um fato social<sup>8</sup>.

---

As matérias-primas culturais que a TV usa são histórias que as pessoas estão *escrevendo em suas ações cotidianas*, as quais são reescritas em termos de um enredo parecido com um conto popular com heróis, vilões, competições e resultados vitoriosos, bem definidos.

A crítica de televisão não pode se limitar à crítica de obras isoladas no interior da programação. Ela deve ser a crítica de

um novo patamar das relações sociais e das relações ideológicas entre os sujeitos. E será mais frutífera se o programa servir como porta de entrada a questões relevantes, contextualizadas no momento histórico-político-social.

Maffesoli, em sua crítica à sociedade de consumo, diz que “o que prevalece não é mais o indivíduo, isolado na fortaleza de sua razão, mas o conjunto tribal, que se comunica ao redor de um conjunto de imagens que consome com voracidade”<sup>9</sup>. Dito isto, o que se busca na crítica de televisão é o comportamento, pois o consumo é transitório<sup>10</sup>.

Falhar nesta contextualização pode criar armadilhas para o crítico, que vai transformar seu trabalho em apenas uma descrição de algo que ele vê com os mesmos olhos de todos, viesado por preconceitos, estereótipos e regras, negando-se a oportunidade de revelação da constituição e conformação da televisão como espaço público que é. O crítico de TV deve entender este meio como algo além de *um meio*. A televisão é hoje um novo espaço público, principalmente no Brasil onde, às vezes, temos a sensação de que “se tirássemos a TV de dentro do Brasil, o Brasil desapareceria”<sup>11</sup>. Sua presença como suporte de discursos de identificação do Brasil para o Brasil é tão forte que serve para exemplificar<sup>12</sup> o papel integrador que a TV exerce sobre sociedades nacionais.

---

8. BUCCI, Eugênio. *A crítica de televisão*. Conferência no Instituto Cultural Itaú. Projeto Rumos. Literatura e Crítica. O estado da crítica. São Paulo. 02/06/1999.

9. MAFFESOLI, Michel. **A contemporaneidade do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofício, 1995. p.145.

10. BACCEGA, M. A. *O Campo da comunicação*. In: CORREA, Tupã Gomes (org.). **Comunicação para o mercado**: instituições, mercado, publicidade. São Paulo: EDICON. 1985, pág. 54.

11. BUCCI, Eugênio. *A crítica de televisão*. *op.cit.*

12. Referência à tese de Dominique Wolton que utiliza a Rede Globo como exemplo – citada por Eugênio Bucci em palestra no Instituto Cultural Itaú, em 02/06/1999.

Retomando a origem histórica da crítica em geral, também o papel do crítico de TV será o de interpretar a obra, facilitando seu entendimento pelo público. Na televisão isto significará desvendar o estereótipo, amplamente utilizado na linguagem televisiva, aumentando o campo de elaboração das mensagens do cidadão comum, ocupado com seus afazeres cotidianos.

Arlindo Machado questiona os estudos sobre a televisão que analisam este meio inserido em um sistema maior, onde a questão mais importante geralmente é o sistema em si e não a programação desta TV. Segundo ele, “para falar em televisão, é preciso definir o *corpus*, ou seja, o conjunto de experiências que definem o que estamos justamente chamando de televisão”<sup>13</sup>.

---

Neste sentido, *adornianos* e *mcluhanianos* atacam e defendem, respectivamente, a televisão pelas mesmas razões.

---

Nos dois casos, a televisão é vista como estrutura abstrata, modelo genérico de produção e de recepção, sem conseqüências significativas no nível dos programas e, pior ainda, sem nenhuma brecha para ocorrência da diversidade e da contradição no âmbito da prática.

O papel do crítico é interpretar parcialmente. Um dos objetivos da transformação de imagens, sons e formas em palavras deve ser a construção da realidade e o conhecimento dela, lembrando que o

homem, entre outras coisas, apropria-se dos sentidos das palavras, dos signos, reelaborando-os.

“A linguagem verbal é a de maior importância na interação social. Se, por um lado, cada campo semiológico possui seu código específico, só o código lingüístico, a palavra, possui a condição de penetrar todos eles, de se fazer presente em todos os campos, de comentar todos os domínios”<sup>14</sup>. O crítico de TV deve conhecer os bastidores da televisão e trabalhar este conhecimento sem intelectualismo, tecnicismo, de modo a ser compreendido pelos seus leitores (pressupõe-se aqui a crítica de TV no jornal). Entre obra e público, o crítico funciona como um *corredor isotópico*, ensinando o público a ver a partir de um contrato cultural que, se não for respeitado, dificulta, senão impede, o diálogo.

“A descrição (com palavras) de um quadro de Portinari não substitui o quadro. Aqui reside uma grande diferença entre a crítica de TV e as outras formas de crítica – geralmente as pessoas lêem a crítica de cinema, teatro para definir o consumo de um determinado espetáculo. A crítica é em geral *a priori*. Já a crítica de TV tem um papel irrelevante no consumo da televisão, especialmente porque o público telespectador de qualquer emissora é incomparavelmente maior que o público leitor do jornal onde há espaço para esse tipo de crítica. O rotineiro é escrever *a posteriori*. A crítica de TV funciona mais como legitimadora de prestígio dos programas e de seus pro-

13. MACHADO, Arlindo. **Televisão: a questão do repertório**. *Revista Imagens*. Campinas: Unicamp, n.8, mai/ago.1998. p.9-19.

14. BACCEGA, M. A. **Palavra e discurso** – História e Literatura, São Paulo: Ática, 1995. p. 37.

dutores do que propriamente como inibidora ou indutora de consumo”<sup>15</sup>.

Acontecendo *a posteriori*, a crítica tem um papel importante para o produtor.

---

O crítico tem poder de diálogo com o produtor, porque tem condições de *dar toques* para aqueles que estão produzindo.

---

Baccega diz que “são os receptores que (re)vestem o produto cultural de significado, possibilitando a atualização de leituras, o rompimento de caminhos pré-estabelecidos, a abertura de trilhos que poderão desaguar em reformulação cultural”<sup>16</sup>. Isto pode ser interpretado como um reforço da responsabilidade do crítico de TV ao se colocar como mediador entre produção e recepção na medida em que exerce esta capacidade de *dar toques* aos produtores. Exemplificando esta função, podemos citar a produção do festival *Abertura*, pela TV Globo, após a crítica de Helena Silveira em relação ao número de *shows* importados que a emissora vinha exibindo, ou à modificação de interpretação da cantora Cláudia, depois das crônicas da mesma Helena<sup>17</sup>.

## PAPEL DE MEDIAÇÃO

Tendo como matéria-prima os estereótipos utilizados na mensagem televisiva, o

crítico deve cuidar de não cair na armadilha de transformar sua atividade em um *exercício de narcisismo*, acreditando que está em contato direto com a realidade e que seu conhecimento é dado pela experiência. Faz parte do senso crítico reconhecer que nossas idéias não são fatos e que até “os fatos que vemos dependem da posição em que estamos colocados e dos hábitos de nossos olhos”<sup>18</sup>. Na atividade da crítica, mais do que nunca, é válido lembrar que os valores influenciam as idéias.

Quando o crítico escolhe um assunto é porque deve existir uma questão conceitual por trás, inserida em um ambiente histórico, cultural, social e político. Raramente estuda-se um problema apenas porque ele existe. A análise crítica deve ser seletiva e criativa, fugindo da ‘crítica sem critérios’ e do adesismo mecânico a critérios exteriores a cada gênero ou produto artístico.

E quais seriam os critérios para a televisão?

Um primeiro aspecto seria que “não se pode comparar as programações das diferentes emissoras de TV, simplesmente porque os recursos, os objetivos, a filosofia e os métodos são completamente diferentes”<sup>19</sup>. No entanto, alguns críticos têm a ilusão e o desejo de colocá-las num mesmo patamar. Pensando o crítico como mediador entre produção-recepção, vale lembrar Martín-Barbero quando diz que “a mediação que o cotidiano familiar cumpre na

---

15. PRIOLLI, Gabriel. *Crítica de televisão*. In: MACEDO, Cláudia, FALCÃO, Angela, MENDES de ALMEIDA, Cândido José. (org.). **TV ao vivo**. São Paulo: Brasiliense. 1988. p.149.

16. BACCEGA, M. A. *Recepção: nova perspectiva nos estudos de comunicação*. **Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA-ECA-USP/Moderna. n.12, maio/ago.1998. p.7-16.

17. SILVEIRA, Helena. *Não falo para o vazio*. Helena Silveira comenta seu próprio trabalho. **Folha de S. Paulo**: Folhetim, 28/09/80.

18. LIPPMAN, W. *Estereótipos*. In: STEINBERG, Charles S. (org.). **Meios de comunicação de massa**. São Paulo: Cultrix, 1970, p.150.

19. PRIOLLI, Gabriel. *Crítica de televisão*. *op.cit.* p.151.

configuração da televisão não se limita ao que pode ser examinado do âmbito da recepção, pois inscreve suas marcas no próprio discurso televisivo. Enquanto uma classe normalmente só pede informação à televisão, porque vai buscar em outra parte o entretenimento e a cultura – no esporte, no teatro, nos livros e no concerto – outras classes pedem tudo isso só à televisão”<sup>20</sup>.

Ampliando o horizonte da crítica de TV, Machado defende que “uma das tarefas de uma crítica séria de televisão é estabelecer critérios de seleção, tão rigorosos quanto possível, que permitam separar o joio do trigo, que permitam elevar os níveis de exigência da audiência e, sobretudo, premiar, com estudos e comentários críticos, os esforços daqueles que, contra todos os obstáculos e a despeito de todas as estruturas e modelos, fazem a melhor televisão do mundo (somente quem vê a televisão apenas do ponto de vista comercial diz que ela nunca será de vanguarda)”. A defesa deste ponto de vista, ainda segundo Machado, é que “não existe nenhuma razão para que, na televisão, os critérios de seleção sejam diferentes, mais concessíveis, ou mais mercadológicos do que aqueles que utilizamos para escolher o melhor nas áreas do cinema, da música ou da literatura”<sup>21</sup>.

## EFICÁCIA DA CRÍTICA DE TV

A crítica de TV tem a função de desvendar os produtos deste espaço de socialização que é a televisão, acomodados não apenas em uma grade de programação mas

em um fluxo de programas, levando em consideração o horizonte de expectativa dos receptores.

---

O trabalho do crítico de TV deve ter como base, além do conhecimento e experiência sobre este meio, o papel da televisão nas relações sociais e culturais entre os sujeitos.

---

Uma crítica construída a partir do meio e sua função na sociedade deve possibilitar a percepção das mudanças em andamento e da maneira como estão ocorrendo. Como dito anteriormente, ainda que feita *a posteriori*, uma crítica bem fundamentada será mais eficaz no alcance do público, seja ele o produtor, que pode vir a utilizar *os toques* dados, ou o indivíduo comum, que vai aprendendo a ver TV.

Mas o produto televisivo é comercial e, como tal, quanto mais gente o consumir melhor. Isto, entretanto, não inviabiliza o vanguardismo, se lembrarmos que a televisão opera numa tal escala de audiência que nela qualquer quantidade é grande. Por outro lado, atualmente os planejamentos de *marketing* já trabalham com a segmentação. Isto colabora para a superação da incômoda equação ‘maior inovação/menor audiência’. Agora, mesmo a menor audiência é sempre maior que um trabalho de alta qualidade poderia almejar.

Na crítica, o objetivo a atingir é a comunicação produção-recepção. Considerados

20. MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações*. Comunicação cultural e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. p. 293.

21. MACHADO, Arlindo. *Televisão... op.cit.* p.14.

os estilos pessoais, a crítica de TV deve ser escrita para o espectador comum, sem tecnicismo e/ou intelectualismo. Se usamos de recursos da escrita acadêmica, estes devem ser contextualizados e até explicados, ou corremos o risco de 'colocar mais uma camada' em cima daquilo que deveria ser desvendado. Frases de efeito e clichês só causam ridículo e incompreensão, enquanto descontração não implica abuso da vulga-

ridade e da falta de imaginação. Um texto mal escrito será sempre aquele que está cheio de lugares-comuns, que é enfadonho ou incompreensível.

O texto da crítica de TV deve ser feito para consumo imediato, como o próprio objeto de crítica, caso contrário perderá sua função, visto que trata de assuntos acontecidos, de consumo transitório, cujo arquivamento só servirá para relatos históricos.

*Resumo:* Este artigo trata da atividade do crítico de televisão. A partir de uma breve reflexão sobre a importância da crítica da obra de arte, a autora faz relações com a crítica de TV. Mostra que o crítico de TV interpreta e contextualiza o produto de TV, colocando-se como mediador entre produção e recepção, facilitando tal aproximação.

*Palavras-chave:* televisão, crítica, audiência, mediação, obra de arte

*Abstract:* This article deals with television's critical activity. Based on a brief reflection on the importance of art critique, the author makes relationships with TV critique. The author demonstrates that the TV critic interprets and contextualizes the TV product, placing himself or herself as a mediator between production and reception, facilitating such an approximation.

*Key words:* television, critique, audience, mediation, work of art